

A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO: contribuições teóricas para as pesquisas de iniciação científica

TATIANA SILVA DOS SANTOS

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

MANOEL HENRIQUE MOREIRA PORTO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

ANDRECKSA VIANA OLIVEIRA SAMPAIO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar os estudos teóricos sobre a história da Geografia Escolar e o pensamento geográfico, realizados como um dos procedimentos metodológicos na Iniciação Científica (IC). Para a produção desse texto, foram necessários leituras e fichamentos de alguns textos que abordavam a temática e a produção de resumos expandidos. O texto se organiza, no primeiro momento, com a história da Geografia Escolar, a importância do Colégio Pedro II e a contribuição de Delgado de Carvalho. Em seguida, as abordagens de alguns autores sobre a Geografia Escolar e o pensamento geográfico, finalizando com as considerações desse estudo teórico. A história da Geografia escolar, na perspectiva dos jesuítas, do Colégio Pedro II, da institucionalização da disciplina e de Delgado de Carvalho revelam diferentes abordagens, refletindo não apenas as mudanças nas teorias geográficas, mas também as influências sociais, políticas e educacionais. A Geografia Escolar está em constante transformação, influenciada por discursos presentes em textos oficiais, didáticos e na prática educativa em que destaca a complexidade da disciplina, sua relação com a cultura escolar e os processos históricos que a moldaram.

2608

Palavras-chave: história da Geografia Escolar. pensamento geográfico. ensino de Geografia

Abstract

This article aims to present the theoretical studies on the history of School Geography and Geographical Thought, conducted as a methodological procedure within Scientific Initiation (IC). To produce this text, it was necessary to read and summarize reading material on the theme and thus develop expanded abstracts. The text is organized, initially, with the history of School Geography, the importance of Colégio Pedro II, and the contribution of Delgado de Carvalho. Then, the study address approaches of some authors on School Geography and geographical thought, concluding with the considerations of this theoretical study. The history of School Geography, from the perspective of the Jesuits, Colégio Pedro II, the institutionalization of the discipline, and Delgado de Carvalho, reveal different approaches, reflecting not only changes in geographical theories but also social, political, and educational influences. School Geography is in constant transformation, influenced by discourses present in textbooks and in

educational practice, highlighting the complexity of the discipline, its relationship with school culture, and the historical processes that shaped it.

Keywords: history of School Geography, geographical thought, Geography teaching

Introdução

A ideia sobre o que seria a Geografia, segundo Albuquerque (2011), inicia na década de 1830 prosseguindo até 1910. Estas demonstrações sobre o pensar educacional se difundiram após a chegada dos europeus no território brasileiro. Esses povos começaram a ensinar os indígenas sobre a religião e saberes geográficos. Em primeira instância, a Geografia ainda não se configurava como disciplina, nem escolar e nem acadêmica, mas era apenas compreendida como informações gerais da Terra.

O objetivo desse artigo é apresentar os estudos teóricos sobre a história da Geografia Escolar e o Pensamento geográfico, realizados como um dos procedimentos metodológicos na Iniciação Científica (IC). Para a produção desse texto, foram necessários leituras e fichamentos que abordavam a temática e a produção de resumos expandidos.

O texto se organiza, no primeiro momento, com a história da Geografia Escolar, a importância do Colégio Pedro II e a contribuição de Delgado de Carvalho. Em seguida, as abordagens de alguns autores sobre a Geografia Escolar e o pensamento geográfico, finalizando com as considerações desse estudo teórico. Os próximos passos da pesquisa envolvem a pesquisa empírica e os resultados finais serão divulgados posteriormente.

A história da Geografia Escolar, o colégio Pedro II e as contribuições de Delgado de Carvalho

A história da Geografia escolar, na perspectiva dos jesuítas, do Colégio Pedro II, da institucionalização da disciplina e de Delgado de Carvalho revelam diferentes abordagens, refletindo não apenas as mudanças nas teorias geográficas, mas também as influências sociais, políticas e educacionais.

Petruci e Souza (2019) revelam que os jesuítas desempenharam um papel importante na educação geográfica durante o período colonial no Brasil, de modo que, com a chegada dos primeiros missionários, o ensino da Geografia tornou-se uma ferramenta importante para a disseminação da fé cristã, bem como para a compreensão e mapeamento das terras recém-descobertas. Eles introduziram conceitos geográficos na educação, especialmente em escolas

ligadas às missões religiosas, contribuindo para a formação de uma base sólida de conhecimento geográfico nas instituições educacionais da época.

Segundo os autores, o declínio da Companhia de Jesus, no final do século XVIII, por pressões políticas e sociais, impactou na continuidade de suas práticas educacionais. O Marquês de Pombal exerceu influência significativa na história da educação brasileira durante o período colonial, pois sua gestão foi marcada por ideias iluministas, que resultou na expulsão dos Jesuítas, abrindo espaço para reformas educacionais de cunho científico.

Com a chegada da Corte portuguesa no Brasil, havia uma necessidade de atender às novas exigências advindas da Família Real. Essas transformações também se estenderam ao campo da educação, algumas mudanças mais relevantes foram feitas neste âmbito, como: a abertura de instituições de ensino superior, bibliotecas, criação do ensino secundário entre outros (Petrucci e Souza, 2019). Em 1837, foi criado na Corte, o Imperial Colégio Pedro II e marcou um passo significativo na institucionalização da Geografia escolar no Brasil Império (Rocha, 2014). Outro fator importante também, neste contexto, foi o fato de os livros didáticos não possuírem autonomia, ou seja, se estudava com base em obras traduzidas da França e Alemanha. Somente entre 1870 e 1880, se discutiu a elaboração de maior número de obras brasileiras, com suas próprias nomenclaturas.

2610

Encontravam-se poucos mapas e desenhos nestas escritas geográficas. As mudanças começaram acontecer após a chegada do Atlas do Império do Brasil, de Candido Mendes, ou seja, gravuras, desenhos, esquemas, rosas dos ventos, estavam presentes nestas leituras, para melhor absorção do conteúdo, no início do século XX. Esta Geografia começou a fazer parte das escolas do ensino primário, relatando sobre clima, hidrografia, cidades, transporte, população, entre outros (Albuquerque, 2011).

De acordo com Rocha (2014), o Colégio Pedro II foi criado com o objetivo de centralizar e unificar o Ensino Médio, proporcionando uma educação de qualidade para a elite intelectual da época. No contexto da Geografia Escolar, essa institucionalização trouxe avanços no ensino da disciplina. O Colégio Pedro II adotou uma abordagem mais organizada e estruturada para o ensino de Geografia, contribuindo para a consolidação da disciplina no currículo escolar. O estabelecimento desse colégio representou um esforço do Estado em promover uma educação mais abrangente e alinhada aos ideais da sociedade imperial.

Albuquerque (2011) afirma que o currículo do Colégio Pedro II, serviu como modelo nacional para todas as disciplinas em escolas públicas e privadas. Deste modo, segundo Rocha (2014), a Geografia assumiu um papel relevante na formação dos estudantes, proporcionando

uma compreensão mais aprofundada do espaço geográfico, das relações sociedade-natureza e das características do território brasileiro e ainda se realizavam abordagens eurocêntricas refletindo as influências colonizadoras, como também, enfatizava a descrição e classificação dos lugares, contribuindo para a formação de uma visão mais sistematizada do mundo.

Depois do colégio Pedro II, algumas modificações aconteceram no Brasil, como o aumento no número de obras completamente brasileiras, relação com o nacionalismo da época, entre outros. Mas, ainda assim, se encontravam dificuldades no conteúdo brasileiro, abordando muito mais sobre a Ásia, Europa, África, entre outros. Uma curiosidade neste momento histórico, retratada por Albuquerque (2011, p. 30), foi “o entendimento do mesmo sobre a necessidade de se ter um “mestre” para desenvolver questões utilizando o ponto de interrogação, e o uso de escritas em negrito para caracterizar as respostas, tendo a memória como papel importantíssimo neste intelecto”.

Rocha (2014), entende que o colégio Pedro II iria servir como modelo para um “padrão de excelência”, em que os outros colégios (públicos e particulares) poderiam se pautar para tentar chegar ao mesmo patamar. Logo, se transplantou uma Geografia francesa para o currículo geográfico do Brasil, compreendendo o expansionismo europeu (que era amplo), e o ensino da Geografia histórico-descritiva.

Com o Decreto nº 6884 em 20 de abril de 1878, uma mudança no colégio Pedro II aconteceu, aumentando alguns dos estudos literários, valorizando o preparo científico dos alunos, maior liberdade no quesito presencial em atividades acadêmicas, entre outros. Logo, Rocha (2014) pondera que, através deste decreto, algumas problemáticas surgiram e uma delas seria a oportunidade do aluno de realizar avaliação em qualquer disciplina, podendo receber a aprovação na área desejada. O colégio Pedro II foi de extrema importância para a consolidação de componentes curriculares na vida do aluno, mesmo este não sendo um “berço” educacional brasileiro.

Petrucci (2019) relembra que os estudantes do colégio Pedro II, eram da elite brasileira, o que parecia existia um “clientelismo” por parte de alguns. Rocha (2014) ressalta que o colégio foi modelo conservador para as demais instituições, mantendo suas escritas da França para o Brasil.

Delgado de Carvalho, renomado geógrafo brasileiro, exerceu uma influência significativa na Geografia escolar do Brasil, particularmente, durante a década de 1940, em que buscava modernizar o sistema educacional brasileiro. Petrucci e Souza (2019) afirmam que ao

longo do século XX, as ideias e abordagens de Delgado de Carvalho marcaram a disciplina, contribuindo para a renovação do ensino de Geografia nas escolas. Delgado de Carvalho.

Albuquerque (2011) destaca que Delgado de Carvalho assumiu a direção do Colégio Pedro II em 1930, embora tenha ficado pouco mais de um ano, pelo fato da grande oposição que o mesmo lograva neste cargo. Ele criticava a sociedade e alguns professores por manter práticas comuns nos conteúdos da Geografia, o número reduzido de aulas e baixa qualidade nos livros didáticos e defendia a superação dos assuntos tradicionais. Para a autora, Delgado de Carvalho contribuiu diretamente para uma melhor criação de livros didáticos e dos saberes acadêmicos, e a importância intelectual da Geografia Científica, visto que era defensor do ensino crítico e contextualizado. Promoveu uma visão integrada da Geografia, incorporando aspectos sociais, econômicos e culturais, de modo que a Geografia escolar fosse além da memorização de fatos geográficos pois, para ele era importante conectar o conhecimento geográfico às realidades locais e globais dos alunos.

A Geografia Escolar e o Pensamento geográfico

Petrucci (2019) defende a educação brasileira e a Geografia escolar como consequências da vinda da Família Real ao Brasil, fortalecendo estes laços nacionalistas e aliados a elite. O mesmo também cita a participação dos padres, através da institucionalização de suas ideologias jesuítas aos índios/nativos, sendo modificados para disciplinas com teor educativo literário.

Gonçalves (2011) argumenta que as disciplinas escolares não são simples reflexos das ciências de referência, mas construções próprias que transmitem uma cultura específica. Ela critica a visão reducionista que associa disciplinas apenas à metodologia pedagógica, enfatizando a importância de considerar a cultura escolar na análise.

Para Petrucci (2019), a Geografia se baseava por uma série de sínteses e pensamentos que eram passados do professor ao aluno, sendo alguns importantes para a formulação de conhecimento, além de estarem sempre respaldadas nas informações com relação a localização de montanhas, natureza e suas classificações, entre outros.

Segundo Gonçalves (2011), a Geografia escolar, enquanto campo de investigação oferece uma perspectiva valiosa para compreender a interação dinâmica entre a disciplina e a cultura escolar ao longo do tempo, por isso, o estudo dessa relação permite explorar a evolução da Geografia como matéria curricular, assim como sua influência na formação cultural dos estudantes. Neste sentido, para a autora, a Geografia Escolar como um campo de conhecimento está em constante transformação, influenciada por discursos presentes em textos oficiais,

didáticos e na prática educativa em que destaca a complexidade da disciplina, sua relação com a cultura escolar e os processos históricos que a moldaram.

Gonçalves (2011) defende a necessidade de uma abordagem investigativa na análise da Geografia Escolar, considerando a dinâmica de poder, as finalidades da escola, a cultura escolar e os indícios presentes nas fontes históricas. Enfoca que a Geografia deveria fornecer uma projeção gramatical, desdobramentos de estudos históricos, conteúdos modernos e explícitos, no que tange a história do Brasil. Ele defende também a necessidade da escola secundária, ser precursora da preparação dos estudantes para com a vida social fora da academia. Para Rocha (2014), manter o pensamento do ensino das ciências físicas e naturais, criação de exames admissionais, exames focados ao final letivo, mas em diferentes momentos do ano, entre outros, seriam importantes para permitir os aprovados para o caminho no ensino superior.

Petrucci (2019) ressalta que alguns colégios se aliavam aos diversos pensamentos geográficos da época, como o Liberalismo, Cientificismo, Positivismo. No século XIX, o homem passa a ser parte de um dos elementos da natureza. Para este autor, o pensamento geográfico, durante o Imperialismo brasileiro, sempre esteve atrelado ao lado político.

Cavalcanti (2011) relata que a Geografia tem passado por transformações significativas, tanto tecnológicas quanto teóricas, buscando lidar com a complexidade do mundo atual. Segundo a autora, autores como Harvey, Massey, Gomes, Moreira e Carlos têm destacado a necessidade de superar o pensamento empírico e adotar abordagens mais críticas e isso tem levado a uma maior diversidade de temas e perspectivas na pesquisa geográfica. No entanto, há o desafio de evitar armadilhas do empirismo e de correntes contemporâneas como o economicismo e o pós-modernismo, que também podem limitar a compreensão da realidade, de modo que, seja importante buscar um equilíbrio entre uma análise ampla e estrutural, sem realizar análises subjetivas.

Cavalcanti (2011) recomenda visitar a teoria crítica do espaço, mantendo uma mente aberta para incorporar diferentes dimensões sem dualismos ou reducionismos. Neste sentido, a Geografia escolar tem refletido as formulações científicas da Geografia acadêmica, visto que, recentemente, o aumento da produção acadêmica em Geografia tem sido acompanhado pelo crescimento das investigações sobre o ensino da disciplina. Apesar disso, a autora ressalta a necessidade de aprofundar a discussão teórica e epistemológica sobre o processo de ensino e aprendizagem em Geografia, especialmente para compreender melhor o desenvolvimento intelectual dos alunos, pois essa discussão é essencial para orientar as práticas pedagógicas. Daí a necessidade de se refletir sobre como se pensar pela Geografia.

Almeida e Freitas (2014) afirmam que a disciplina de Geografia discute a utilização de conceitos geográficos, o contexto, a argumentação e a interpretação de dados, e permite analisar como os alunos constroem seu entendimento através das informações que recebem. Para os autores, o ensino de Geografia visa desenvolver o pensamento espacial dos alunos para capacitar sua participação ativa na sociedade, isso envolve fornecer elementos teóricos e cognitivos para compreender o espaço, fenômenos sociais e processos, promovendo competências como busca de informação, tomada de decisões e trabalho em equipe.

Almeida e Freitas (2014) reforça que a Geografia não é apenas sobre memorização de fatos isolados, mas sim sobre compreender como o ser humano se organiza no espaço e as relações estabelecidas com o meio. Dessa forma, a disciplina capacita os alunos a visualizar e descrever fatos através de mapas mentais, além de analisar criticamente informações geográficas e relacionar conceitos como identidade territorial e cultura. Define também, que o estudo geográfico permite desenvolver o pensamento geográfico ao conectar lugares, analisar sua organização humana e interações, utilizando conhecimento prévio do espaço vivido.

Ribeiro (2022) reflete que o pensamento geográfico é uma aplicação específica do pensamento espacial dentro do campo da Geografia, ou seja, o pensamento geográfico utiliza o pensamento espacial como uma ferramenta para investigar e compreender questões relacionadas à distribuição e organização dos fenômenos geográficos.

2614

Almeida e Freitas (2014), identificou três elementos essenciais do pensamento geográfico: conceitos espaciais, ferramentas de representação e processos de raciocínio. Estes elementos são fundamentais para usar o espaço de forma eficaz na compreensão e modelagem do mundo real e imaginário. As questões são uma ferramenta importante para estimular o pensamento geográfico dos alunos, sendo essencial para desenvolver habilidades cognitivas.

Segundo Ribeiro (2022) os processos de raciocínio são responsáveis pela cognição relacionada à utilização de conceitos relacionados a noções como posição, distância, direção e representações, permitindo a compreensão e a interpretação do espaço. Embora o pensamento espacial seja essencial em várias áreas do conhecimento, ele não se confunde com o raciocínio geográfico, que vai além da simples localização e envolve a compreensão das interações entre componentes físicos e sociais do espaço, bem como a análise dos fenômenos geográficos em diferentes escalas.

Para Ribeiro (2011), o raciocínio geográfico envolve uma interpretação mais profunda das situações geográficas, articulando conceitos fundamentais da Geografia, como escala, espaço e tempo, para localizar, descrever e interpretar essas situações. Segundo o autor, o

raciocínio geográfico possibilita entender os motivos pelos quais objetos e fenômenos estão localizados em determinados lugares e porque ele pode se manifestar de maneiras diferentes ou semelhantes em diversas localidades.

Conforme Cavalcanti (2022) uma abordagem alternativa na educação geográfica é conectar os conteúdos escolares à realidade dos alunos, incentivando a análise crítica e a participação no movimento social. Logo, a autora defende que o papel da Geografia na escola é cultivar o pensamento geográfico, promovendo uma compreensão profunda e crítica do espaço e das relações sociais e históricas que o constituem. O pensamento geográfico envolve uma abordagem metodológica que articula conceitos, princípios e linguagens específicas para compreender as dinâmicas espaciais e sociais. O espaço geográfico é central nessa análise, entendido como uma totalidade complexa de objetos e ações, resultado de processos sociais e históricos.

A Geografia, portanto, oferece uma perspectiva única para compreender e analisar fenômenos através de sua dimensão espacial. Cavalcanti (2022) ressalta que o ensino de Geografia, é essencial ao desenvolver habilidades dos alunos para observar, imaginar e descrever a paisagem, permitindo uma compreensão mais profunda e crítica do espaço geográfico. Neste sentido, a paisagem é percebida como uma combinação dinâmica de componentes físicos, biológicos e humanos, cuja análise revela as interações entre eles e a influência da ação humana. Além disso, a paisagem é considerada uma expressão visível da espacialidade dos fenômenos, influenciando a percepção e a construção da realidade pelos indivíduos.

. Cavalcanti (2022) reforça que o papel da escola e do ensino de Geografia é ajudar os alunos a compreender a espacialidade das paisagens, utilizando elementos teóricos da disciplina para interpretar e questionar a realidade ao seu redor, e, isso pode ser feito através de atividades que envolvam a observação e análise de paisagens urbanas, rurais ou naturais, usando diferentes perspectivas e técnicas de representação para que os mesmos possam analisar as paisagens de forma mais profunda e crítica.

Giroto (2021) questiona a abordagem dominante do pensamento geográfico na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando a importância de repensar essa concepção considerando tanto seu contexto histórico e epistemológico na Geografia, quanto à compreensão da complexa e contraditória dimensão espacial da sociedade atual. Giroto (2021) relata a ausência de debate epistemológico sobre o raciocínio geográfico na BNCC, destacando como sua apresentação descontextualizada e desprovida de densidade histórica e

epistemológica reflete uma estratégia política do documento curricular. Girotto (2021) propõe que os documentos da BNCC carecem de um debate amplo sobre o raciocínio geográfico, pois apresenta conceitos desconectados dos contextos sociais e sem preocupação epistemológica e a falta de referências bibliográficas evidencia esse esvaziamento. De acordo com Girotto (2021), este documento não traz:

[...] em nenhum momento dos documentos da BNCC, o amplo debate sobre o raciocínio geográfico ganha corpo. Ao contrário, verifica-se um texto com pouco preocupação epistemológico, que apresenta conceitos e categorias dissociados dos processos e contextos sociais. A própria ausência de referências bibliográficas no documento é um dos indicativos deste esvaziamento (Girotto, 2021, p. 9).

Do mesmo modo, Cavalcanti (2011) expõe que professores enfrentam desafios ao ensinar Geografia, muitas vezes recorrendo ao ensino empirista que foca apenas nos fatos e objetos, ignorando os processos. Porém, a autora exemplifica métodos alternativos, como o uso de diferentes linguagens e tecnologias, que são úteis para envolver os alunos, mas devem ser utilizados de forma a promover o desenvolvimento intelectual, não apenas a sensibilização.

Um bom docente necessita expandir seu olhar, principalmente se aliando as categorias de análise, as metodologias, as localizações, e ao mundo atual, e até mesmo na individualidade de cada discente em olhar o espaço e a geografia. Qual o objetivo da Geografia? Segundo Girotto (2021) essa pergunta não precisa ser respondida, visto que a disciplina é mais do que um simples objetivo, é responsável por desenvolver um raciocínio lógico e geográfico, dando sentido a tudo que se acontece.

Assis da Silva (2022) aborda algumas informações importantes para buscar a compreensão de como um raciocínio lógico-geográfico deve ser feito da maneira correta, tendo como base alguns estudos que evidenciam esta dinâmica do pensar e do olhar, e que hoje, acaba sendo escasso, diante de tanta superficialidade encontrada. Estes estudos servem para que se consiga buscar um pensamento mais profundo, mais coerente, e que possa também ser compartilhado. Assis da Silva (2022), com relação as formas do saber geográfico na educação básica, comenta que:

[...] a importância do desenvolvimento de debates similares que procurem aclarar o conceito de Raciocínio Geográfico. Tal debate poderá fomentar ações pedagógicas no ensino de Geografia na educação básica. Mais ainda, poderá contribuir para a construção de metodologias destinadas à formação inicial e continuada de professores de Geografia, os quais, muitas vezes, permanecem trabalhando componentes espaciais isolados, não produzindo interações entre os mesmos e assim realizando práticas assentadas na fragmentação espacial. (Assis da Silva, 2022, p. 11)

Cavalcanti (2022) demonstra o cuidado do docente para com as formas de se concretizar um bom pensamento geográfico, que devem “quebrar” este estereótipo que se foi criado na

Geografia das escolas e como um professor deve ultrapassar seus limites e tabus. A autora também cita diversas obras e autores consagrados na Geografia, que se preocupavam com as atitudes de um geógrafo, e como o mesmo irá explanar suas ideias, tendo a categoria de análise a Paisagem, que contribui diretamente para o pensar, interpretar e reconhecer a Geografia como um todo, estando presente em qualquer espaço, ou seja, não só em uma área específica. Cavalcanti (2022) reforça:

[...] uma educação com potencial de transformação social, uma educação humanizadora, que assume a tarefa de formar todas as pessoas, crianças e jovens, para enfrentarem as injustiças, as desigualdades, em busca de propostas para um mundo mais democrático, em suas dimensões sociais, políticas, econômicas, ambientais. Defende-se um projeto de educação que promova a formação de pessoas capazes de interpretar a realidade em sua totalidade, e que sejam cidadãos agentes da transformação de seu ambiente mais imediato e do mundo (Cavalcanti, 2022, p. 45)

Marcelino (2021) debate as relações e práticas do homem com o seu meio e enfatiza a importância de manter uma boa qualidade educativa e no bom discurso para transmitir a verdade aos alunos, haja vista a necessidade de uma sociedade mais estruturada e consciente, pelo fato de tantas demandas e divergências políticas, econômicas e sociais. O professor deve sempre procurar entender e repassar a importância da Geografia como disciplina escolar, e ainda mais profunda dentro das universidades brasileiras. Sobre a Geografia escolar, Marcelino defende que:

O desafio da geografia escolar é fazer com que os estudantes identifiquem o espaço vivido através de experiências cotidianas relacionadas ao conteúdo estudado. Cabe ao professor possibilitar momentos para que a aprendizagem aconteça, observando esse espaço vivido de cada indivíduo, fazendo relações com o meio em que vive.” (Marcelino, 2021, p. 95)

Cavalcanti (2011) mais uma vez demonstra a importância de o professor ter uma ótima base e experiência dentro da Geografia. Ela também acredita que os alunos devem buscar mais participações diretas com o espaço, dando a entender que fora do âmbito escolar, um aluno consegue aprender ainda mais. Cavalcanti (2011) retrata:

Para efetivar a meta do ensino de ensinar conceitos geográficos, é pertinente considerar o desenvolvimento intelectual do próprio professor. Nesse sentido, é igualmente relevante investigar os processos da formação profissional do professor, de seus saberes, sua estrutura conceitual, para compreender as possibilidades reais de mediar o conhecimento do aluno na construção das abstrações necessárias ao pensamento teórico (Cavalcanti, 2011, p. 201)

A tecnologia e o avanço das pesquisas via internet aumentaram consideravelmente, porém, pouco se fala sobre a necessidade do professor em mediar e se atentar a novas

informações do que acontece em todo o mundo, pois é ele quem vai influenciar diretamente na opinião e na formação de novos sujeitos da sociedade. Esta mesma sociedade se divide e se mantém cada vez mais desigual, e somente a educação fará com que a população se mantenha cada vez mais coesa, seja de maneira política, social, financeira, entre outros.

Considerações Finais

Compreende-se que a história da disciplina nunca foi nacional, e sim transportada, visto que a escola francesa e alemã sempre obteve papel maior na Geografia escolar e acadêmica no Brasil. O professor deve buscar outros meios acadêmicos para não se basear somente nos livros didáticos, a fim de que o aluno consiga compreender de fato a Geografia, com seu próprio senso crítico, construindo seu pensamento para além do que o mesmo vê.

Faz-se necessário que o professor invista em suas formações, compreenda também os saberes profissionais, disciplinares e educacionais, além de explicar suas reflexões geográficas para seus alunos e valorizar a importância destes cursos acadêmicos que formam novos professores. Com o docente preparado e experiente dentro das escolas e universidades pelo Brasil, este movimento começa a ser tratada de forma positiva incentivando o jovem e adultos, a participarem, cada vez mais, e obviamente se preocuparem com o futuro e sempre se manterem atualizado sobre um mundo bastante diversificado.

2618

Referências

ALBUQUERQUE, M. A M. Dois momentos na história da Geografia Escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 19–51, 2011. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/29>. Acesso em: 24 out. 2023

ALMEIDA, Marisa; FREITAS, Rui. O pensamento geográfico nos alunos do ensino básico, com base na taxonomia do pensamento espacial. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, 2014, p. 135-132. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-12672014000200009. Acesso em: 21 jan de 2024.

ASSIS da Silva, P. Pensamento espacial e raciocínio geográfico: aproximações e distanciamentos. **Revista Signos Geográficos**, [S. l.], v. 4, p. 1–13, 2022. DOI: 10.5216/signos.v4.73869. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/73869>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CAVALCANTI, L. de S. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, 2011, p. 193 - 203. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6563>. Acesso em: 15 jan.2024.

CAVALCANTI, L. de S. Olhar a paisagem com a mediação do pensamento geográfico: aprendizagem potente para o mundo contemporâneo. **REIDICS**, 10, 2022, p. 42-58. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10662/15799>. Acesso em: 18 jan.2024.

GIROTTO, E. D. Qual raciocínio? Qual Geografia? Considerações sobre o raciocínio geográfico na base nacional comum curricular. **GEOgraphia**, 2021, p. 2-12. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a45460>. Acesso em: 28 jan. 2024.

GONÇALVES, A. R. A geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XVI, nº 905, 15 de enero de 2011. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-905.htm>. Acesso em: 24 jan.2024

MARCELINO, A. R., & Volpato, G. Formação do professor de Geografia: um olhar para o pensamento geográfico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i79p87-103>. Acesso em: 26 jan.2024.

RIBEIRO, P. A. S. Pensamento Espacial e Raciocínio Geográfico: Aproximações e Distanciamentos. **Revista Signos Geográficos**, 2011, p. 1–13. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/73869>. Acesso em: 24 jan. 2024

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. O Colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia Escolar no Brasil Império. *Universidad Federal de Pará, Giramundo*, ISSN-e 2358-4467, Vol. 1, Nº. 1, 2014 (Ejemplar dedicado a: Primeira Edição), p. 15-34, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5489955>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PETRUCI, R.; SOUZA, R. de C. M. de. A Geografia Escolar brasileira: uma revisão necessária. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, p. 72–84, 2019. DOI: 10.14393/RCG207145155. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45155>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Autor 1:



Nome Completo: Tatiana Silva dos Santos
Graduanda em Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); participante ativa do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG)
Email: 202011278@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8689164606581268>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9877-5909>

Autor 2:



Nome Completo: Manoel Henrique Moreira Porto
Graduando em Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista de Iniciação Científica (IC). Membro do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG)
Email: 202010563@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1530521624620762>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1126-3516>

Autor 3:



Nome Completo: Andrecksia Viana Oliveira Sampaio
Doutora em Geografia (UFS- Brasil); Professora Adjunta do Departamento de Geografia Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Brasil); Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED); Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG)
Email: andrecksia.oliveira@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6552710631298065>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7826-0908>